

A EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE RESGATE DO ESPÍRITO DE CRIANÇA EM NIETZSCHE

Maria Helena de Carvalho Pinto
Especialização em Filosofia PGFIL-FUNREI

Resumo: Este artigo consiste numa reflexão acerca do paradigma da transmutação dos valores sob a perspectiva Nietzscheana. Após a descrição das transmutações sugeridas por Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*, em que sugere que o espírito humano se transforma de camelo em leão e de leão em criança, desenvolve-se suas implicações no contexto educacional para adequar as considerações do autor na direção do resgate ou da preservação do espírito de criança como tarefa da educação.

Palavras-Chave: Espírito de camelo. Espírito de leão. Espírito de criança. Educação.



Abstract: This article consists of a reflection concerning the paradigm of the transmutation of the values under the perspective Nietzschean. After the description of the transmutations suggested by Nietzsche in he spoke *Like this Zaratustra*, in that suggests that the human spirit becomes of camel in lion and of lion in child, it grows your implications in the educational context to adapt the author's considerations in the direction of the ransom or of the preservation of child's spirit as task of the education.

Key word: Camel spirit. Lion spirit. Child's spirit. Education.

Introdução

No contexto histórico, a época em que Nietzsche viveu e, acima de tudo dedicou-se à filosofia, foi de profundas transformações na Alemanha. Dentre essas transformações vemos descortinar mudanças radicais na sociedade, na política, na economia e na educação. Toda transformação em qualquer esfera que aconteça sugere também transformações e diferenciações dos valores vigentes.

Nietzsche vem com sua crítica radical se opor à forma acrítica com que os valores morais da época eram embutidos na consciência humana. Nesse sentido, a maior preocupação do filósofo

sofo não foi apenas denunciar as discrepâncias impostas pelo Estado, Sociedade e Igreja, mas sim procurar com seu procedimento genealógico questionar o próprio valor dos valores.

Quando dizemos, assumir uma postura crítica a respeito da ordem estabelecida em meio à transformação radical a qual a Alemanha estava passando, estamos nos referindo a conseqüente mudança de paradigma dos valores que o espírito humano, segundo a visão de Nietzsche, deveria sofrer.

Além de ser um pensador voltado

para críticas radicais contra o esquema social pré-estabelecido percebemos também em seu pensamento o caráter poético e artístico visto que o mesmo se dedicou com muita maestria à poesia e à música. Nietzsche, além de dar à arte um papel de destaque por perceber que ela coloca no mesmo patamar verdade e mentira, possibilitam também um rompimento da dualidade moral. Como ele sugere, através do espírito puro e criativo da criança, conseguimos olhar os valores sob a ótica da vida, e nesse sentido, podemos dizer que a criança é por natureza a própria encarnação da arte e consequentemente a condição que permitirá ao homem alcançar o além-do-homem.

2. O paradigma da transmutação dos valores

Antes de caracterizarmos o paradigma da transmutação dos valores é importante a entendermos que o projeto nietzscheano tenta fornecer novas bases para se fundamentar os valores morais e sugere um abandono das raízes metafísicas e religiosas. Na transmutação dos valores, tema tão atual e muito difundido na filosofia de Nietzsche, percebemos o coroamento de três formas básicas de apresentação do espírito do homem: o camelo, o leão e a criança. Nietzsche descreve assim a caracterização do espírito de camelo:

Muito de pesado há para o espírito, para o espírito forte, que suporta carga, em que reside o respeito: pelo pesado e pelo pesadíssimo reclama sua força.

O que é pesado? assim pergunta o espírito de carga, assim se ajoelha, igual ao camelo, e quer ser bem carregado.

O que é pesadíssimo, ó heróis? assim pergunta o espírito de carga, para que eu o tome sobre mim e me alegre de minha força. (NIETZSCHE, 1991, p.185)

Em linhas gerais, o camelo é caracterizado como aquele que carrega o grande fardo fastidioso por não ter a coragem de se rebelar contra as condições que lhe são impostas pelo mundo que o cerca. Já o leão ocupa, de certa forma, um lugar um pouco mais privilegiado por ter características transformadoras no sentido de que ele cria espaço para se fazer algo novo ao se rebelar contra a situação vigente, mas, apesar dessa liberdade transformadora, é incapaz de criar novos valores. “Mas no mais solitário deserto ocorre a segunda transmutação: em leão se torna aqui o espírito, liberdade quer ele conquistar, e ser senhor de seu próprio deserto. Seu último senhor ele procura aqui: quer tornar-se inimigo dele e de seu último deus, pela vitória quer lutar com o grande dragão.” (NIETZSCHE, 1991, p.185)

Vemos então, que, nesse paradigma sugerido por Nietzsche, ao se fazer as transmutações do espírito, o pensador vai sugerindo uma metamorfose profunda nas condições pré-estabelecidas na ordem vigente. Condições estas que delimitam e cerceiam a capacidade criativa e criadora do ser humano, sendo este humano legado a uma espécie de ser que não encontra espaço e liberdade para ousar e voar em direção contrária ao bando, pois deve aceitar resignado as limitações que lhe são impostas.

A culminância dessa reflexão de Nietzsche está exatamente quando o

espírito humano que deixou de ser camelo e se transmutou em leão consegue abrir espaço para resgatar o espírito de criança enquanto espírito puro e criador.

3. A caracterização do espírito de criança

O espírito de criança inaugurado pela filosofia nietzschiana vem, exatamente, tocar na profundidade do ser humano e abalar a estrutura concebida, pois tenta mostrar que não é preciso curvar-se diante dos valores morais impostos. É preciso saber a hora de dizer não, de se rebelar para, munidos de força, inocência e transparência, que são próprios do espírito de criança, partirmos para criar, tecer e pintar um novo mundo com a certeza de que temos o espaço de liberdade para questionar e modificar a realidade que nos cerca. O espírito de criança é a claridade, a transparência, a inocência, o começar de novo a cada instante desafiador, um quebra-cabeças que vai se completando de forma constante no decorrer dos dias. E acima de tudo é criatividade, é um jogo do criar diante das situações cotidianas. Quando o espírito consegue atingir a condição de ser criança pode-se dizer que ele conseguiu escalar vários degraus na esfera do entendimento humano. A criança consegue com sua capacidade criativa tecer um livre sim ao mundo, à vida, ao jogo de criar e à verdade, sem ter a preocupação de se submeter ao constrangimento de carregar valores que lhe são impostos ou de se rebelar e criticar o que não lhe agrada. Ela está muito além desse jogo corruptível que a sociedade nos impõe, ela é muito mais autêntica, verdadeira, pois consegue se

assombrar no sentido do espanto admirativo dos gregos com a realidade que a cerca.

4. Educação: afirmação ou negação da liberdade criadora do indivíduo?

Quando dizemos educação, queremos explicitar, a princípio, o ambiente onde esse processo educativo se dá. Entendemos ser de fundamental importância que o ambiente onde se realiza a educação seja apropriado para a sociedade se interrogar, questionar e refletir sobre si mesma. Esse espaço deve propiciar e incitar a criatividade individual e em grupo, além de proporcionar uma vivência ética entre seus membros. Nos vários modelos educacionais existentes encontramos fatores que contribuem e fatores que negam a liberdade de criar do indivíduo.

Ao sugerirmos que a educação possa ser um veículo para resgatar o espírito de criança sugerido por Nietzsche, pensamos naquela educação que prima pela liberdade de criação em todos os aspectos da vida do indivíduo. O ensino sistematizado tem por excelência a busca de conhecimento. O maior problema está em como ocorre essa busca. Na maioria das vezes o que acontece é que se prioriza o conhecimento repetitivo e se repele o conhecimento inovador.

Se verificarmos um indivíduo desde seu ingresso na estrutura educacional vemos que o sistema o afasta de sua condição própria de ser, de agir, interagir e modificar o mundo que o cerca. Os valores morais são impostos como se a escola fosse o lugar propício para disseminar e embutir na

consciência humana os valores ditados e legitimados pela sociedade. Decorre desse esquema educacional a ruptura da liberdade de criação e de expressão. Quando dizemos estrutura educacional queremos delimitar dentro dessa estrutura, o aluno em três níveis de seu desenvolvimento, ou seja, a criança, o adolescente e o adulto. A criança chega para a vida escolar cheia de sonhos, assombro, livre de pré-conceitos, com necessidade de criar cada instante desafiador, um mosaico de destruir para construir diante das variadas situações. Esse é o espírito de criança sugerido por Nietzsche, aquele espírito puro e pronto para criar coisas novas. Matthew Lipman expressa esse ingresso da criança na vida escolar da seguinte forma:

A maioria das crianças, independente da formação que tenha, entra no sistema educacional atenta e ávida por aprender, curiosa e confiante. Mas muitas delas acham o processo sem sentido na medida em que percorrem o sistema e, quando isto acontece, tornam-se progressivamente mais apáticas e sem esperança. Por consequência, a cada ano, o sistema escolar despeja no mundo dos cidadãos adultos um vasto número de indivíduos que ignoram os mecanismos da sociedade em que têm de participar, que são céticos de suas tradições e cínicos em relação a seus ideais. (Matthew Lipman, 1990, p.66).

A questão se torna grave se já na infância não for permitido à criança usar o espaço educacional para manifestar suas críticas, seus anseios, suas frustrações, seu contentamento. Por isso é que dizemos que o papel da educação para crianças deve ser realizado de forma responsável e coerente para que essa educação possa contribuir para a liberdade cri-

adora do indivíduo e não para negá-la.

Como o adolescente, se a educação durante a infância não tiver sido de forma a ajudá-lo a pensar, construir, criticar e questionar o seu próprio papel social, vemos que, naturalmente, ele deixa de criar e passa a copiar. Ele até levanta questionamentos o que é próprio dessa faixa etária, mas vemos uma lacuna nessas críticas por não conseguir fundamentá-las racionalmente apesar de criar o espaço de liberdade para argumentar. Podemos dizer que o indivíduo, nesse estágio, assume a postura do leão, mas, da mesma forma com que Nietzsche afirmou, ele cria espaço para construir algo novo mas não o faz, pois ele não foi educado para se rebelar.

Nestas circunstâncias, tendo sofrido as imposições do esquema educacional que lhe induz à resignação e à passividade, ao chegar à fase adulta e adquirir um pouco mais de maturidade, ele vai se resignar com as imposições que vierem e será um adulto vítima da educação do camelo. Segundo Nietzsche, o espírito de camelo é aquele que se curva diante das situações e carrega toda a carga sobre seus ombros sem manifestar o seu descontentamento ou questionar.

Será então, herdeiro de uma educação que o obrigará a caminhar sempre junto ao rebanho. Para ele, dizer o não sugerido por Nietzsche será quase impossível, pois não recebeu uma educação que lhe permita ousar. Mas se a educação for bem direcionada e propiciar ao indivíduo a liberdade de criação, esta poderá ser o trampolim para resgatar o espírito de

criança que, para Nietzsche, seria a forma encontrada pelo espírito para se superar.

Conclusão

A educação deveria criar espaço para que o indivíduo tivesse liberdade para debater, interrogar, questionar, criar e fundamentar racionalmente a sua postura enquanto ser humano inserido na sociedade e responsável pela criação dos seus valores. Mas o que assistimos desfilar no palco dos modelos educacionais existentes é uma inversão do paradigma nietzscheano, o indivíduo não é livre o suficiente para deixar o espírito de criança prevalecer e é alijado de suas condições de criação e criatividade.

O esquema escolar não educa o ser humano para questionador e criar condições de liberdade para rebelar-se como leão e, no final, ele será subjugado à condição de camelo. E é com esse espírito de camelo que tanto agrada e legitima o esquema político-social que os indivíduos saem das escolas e se inserem no mercado de trabalho.

A contemporaneidade, era das informações eletrônicas, da falta de tempo, da confusão de valores humanos,

deixa emergir a educação do camelo. Aquele que ousa e assume a postura de leão acaba por ser deixado de lado e o espírito puro, desnudo e criativo da criança é sempre banalizado. Portanto, quando dizemos que a educação pode servir como possibilidade de resgate do espírito de criança é porque acreditamos que é preciso, com muita urgência, não termos medo de ousar e de nos lançar pródi-gos no resgate desse espírito. Desejamos, assim ensejar que as pessoas que lidam com a grande tarefa de educar transformem o espaço educacional num ambiente que possibilite ao indivíduo superar-se a cada instante.

Nietzsche, com o paradigma dos valores anunciados por Zaratustra, nos mostrou como o espírito humano se transmutou de camelo em leão em criança. Com a educação, na maioria das vezes, percebemos uma inversão constante desse paradigma nietzscheano. O espírito de criança se transforma em espírito de camelo. Enfim, isso é o que vemos acontecer com maior frequência no sistema educacional de nossa sociedade contemporânea. Nesse sentido, Nietzsche nos oferece uma oportunidade ímpar para repensarmos no nosso sistema educacional.

Referências Bibliográficas:

- LIPMAN, Matthew. *A filosofia vai à escola*. São Paulo: Summus, 1990.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 1993.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. *Assim falou Zaratustra*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989.
- _____. *Obras incompletas*. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, Os Pensadores, 1991.